

Patrícia Luízar Espinoza

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro do corpo editorial do Cosmopolítico

O USO ANACRÔNICO DAS OBRAS DE RICHARD WAGNER: SUBJUGAMENTO DA OBRA PELA IDEOLOGIA

THE ANACHRONIC USE OF RICHARD WAGNER'S WORKS: SUBJUGATION OF THE WORK BY IDEOLOGY

Resumo: Esse artigo tem como objetivo discutir sobre o modo como a obra do compositor alemão Richard Wagner vem sendo apropriada ao longo do tempo, o resultado de seu desvirtuamento pelos nazistas e o anacronismo que decorre da tentativa de vincular Wagner a essa ideologia. Ainda serão analisadas as diferentes visões adotadas pela crítica e pelo público a respeito da execução de seus dramas musicais pelas mais diversas orquestras e festivais, sobretudo após os eventos que culminaram na associação de sua obra à ideologia nazista. Para essa finalidade, serão estudados o impacto de sua obra em países como Israel e no Brasil, buscando compreender se é possível distinguir o trabalho deste compositor de seu pensamento e tornar a discussão sobre os perigos do antissemitismo mais presente na atualidade.

Palavras-chave: Romantismo. Música. Cultura. Antissemitismo. Nazismo.

Abstract: This article aims to discuss how the work of the German composer Richard Wagner has been appropriated over time, the result of its distortion by the Nazis and the anachronism that stems from the attempt to link Wagner to this ideology. The different views adopted by critics and the public regarding the performance of his musical dramas by the most diverse orchestras and festivals will also be analyzed, especially after the events that culminated in the association of his work with Nazi ideology. For this purpose, the impact of his work in countries like Israel and Brazil will be studied, seeking to understand if it is possible to distinguish the work of this composer from his thinking and make the discussion about the dangers of anti-Semitism more present today.

Keywords: Romanticism. Music. Culture. Anti-Semitism. Nazism.



1 INTRODUÇÃO

Desde a *World Conference on Cultural Policies*, de 1982, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) compreende a cultura a partir de uma visão antropológica, como pode ser observado em sua Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural de 2002. Apesar de ser mais explorado dentro do universo antropológico, o estudo da cultura vem se inserindo cada vez mais no campo das Relações Internacionais, o que contribuiu para o surgimento de conceitos como *soft power* e diplomacia cultural, além de teorias nesta área, dentre as quais se destaca o Construtivismo. Nesse sentido, por volta da década de 1990, o aumento do interesse por fontes estéticas e artefatos culturais dentro das Relações Internacionais levou a música a ser considerada uma importante ferramenta de análise, uma vez que possui relação com outros setores da sociedade, como a política, e se caracteriza como produto de influências históricas e culturais.

Além disso, a música circula por todos os ambientes, épocas, culturas e classes, sendo quase impossível resistir à sua presença sem sofrer alguma influência ou identificação. Dessa forma, o antropólogo cultural e etnomusicologista americano Alan Merriam estabeleceu dez categorias a respeito das funções sociais da música. Dentre elas encontram-se a expressão de sentimentos, o prazer estético, o entretenimento, a comunicação, a representação simbólica, a reação física, a obtenção da conformidade com as normas sociais, a validação das instituições sociais e dos rituais religiosos, a contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura e promover a integração da sociedade (HUMMES, 2004). Assim sendo, a música se comporta como um fenômeno humano universal, exercendo diversos papéis no cotidiano das pessoas.

Ao longo da história da música, diversos compositores buscaram definir um novo conceito de arte e beleza, provocar reflexões e expressar emoções por meio de suas obras. Um deles foi o compositor, dramaturgo, poeta e ensaísta alemão Wilhelm Richard Wagner (1813 – 1883), uma das figuras mais influentes do século XIX na música erudita. Ele fez parte do Neo-Romantismo e ficou bastante conhecido por seus famosos dramas musicais como *Die Feen* (As Fadas), *Der fliegende Holländer* (O holandês errante ou O holandês voador), *Tristan und Isolde* (Tristão e Isolda) e *Götterdämmerung* (O Crepúsculo dos Deuses). De uma genialidade artística inegável ao inovar no estilo de ópera

da época, ele se inspirou em mitos de origem nórdica a fim de criar uma identidade coletiva por meio de uma música com espírito nacional. Por outro lado, atualmente, a obra do compositor passa a ser vista de uma maneira um tanto quanto controversa nas salas de concerto pelo mundo por ter aceitado ideias antissemitas durante sua vida.

Embora Wagner tenha tido uma vida conflituosa marcada por muitos escândalos provocados por casos de adultério e acúmulo de dívidas, ele também foi influenciado a lutar pela unificação nacional do território alemão e a participar da Revolução Alemã de 1848. Em seus dramas musicais, como ele denominava suas obras, visava a transcendência da alma humana, ao contrário da ópera que, segundo sua visão, tinha a simples finalidade de entretenimento. Ainda, sua música buscou praticar a obra de arte total ou *Gesamtkunstwerk*, unindo as artes cênicas, a literatura e a música em conjunto ao que escrevia, orquestrava e criava como cenário para suas próprias peças. Assim, em 1876, inaugurou o teatro na cidade de Bayreuth, onde realizou diversas vezes festivais de cultura existentes até os dias atuais.

O presente artigo será dividido em três partes: Na primeira seção serão apresentados breves aspectos da obra wagneriana, a posição antissemita do compositor e o uso da cultura a serviço do nazismo. Em seguida, será analisado como Wagner é visto em países como Israel, onde há uma grande comunidade judaica, e a variedade de pensamento quando se trata de ouvir sua música. Por último, será abordado um caso recente do uso da obra de Wagner como meio político no Brasil a fim de refletir sobre a relevância de manter a discussão sobre o antissemitismo em voga.

2 RICHARD WAGNER E A CULTURA DO NAZISMO

As obras de Richard Wagner foram fortemente marcadas por elementos provenientes da cultura germânica. Sua ideia era compor uma música que destruísse o eu atrelado às próprias concepções de mundo para então levar seu público a um estado transcendente. Para isso, os mitos eram fundamentais, uma vez que por meio deles são desencadeados sentimentos humanos universais (MESQUITA, 2015). Outro aspecto de sua música foi a análise de outros temas como o comportamento humano e outros dilemas humanos, como é possível observar em seu drama intitulado *Tannhäuser*, que narra a história de

uma pessoa condenada pela sociedade por suas ações cometidas no passado.

Ainda, diante do peso da temática de seus dramas, é possível observar neles uma forte influência da tragédia grega e a busca por uma experiência introspectiva que conduzisse seus ouvintes a um pensamento crítico. Desse modo, ele situava o entretenimento em último plano, razão que levou Wagner a depreciar as óperas italianas e as de judeus por não seguirem o mesmo viés. Sobre isso, cabe ressaltar que esse contraponto de ideias era evidente entre os italianos e os alemães, mas se tornou mais acirrado no romantismo. De um lado a música italiana era marcada por grandes melodias e do outro, a música alemã valorizava um estilo mais racional (BRANDÃO; SERGL, 2018).

Diante disso, junto com seu pensamento e postura declaradamente antisemita, Wagner criticou, por conseguinte, as óperas de judeus sob a crença de que estes eram seres preguiçosos que almejavam meramente obter lucro. Por isso ele considerava que as obras deles careciam de valor e paixão, servindo apenas para divertir uma burguesia entediada (BRANDÃO; SERGL, 2018). Dentre um de seus principais ataques, dirigiu-se ao compositor judeu Meyerbeer¹, apesar de ele ter apoiado sua carreira.

Wagner também manifestou sua aversão aos judeus ao condenar seu pertencimento à Alemanha, visto que, na sua visão, eles não pertenciam ao povo alemão ao terem falhado na compreensão do pensamento e da cultura germânica. Até mesmo o idioma deles era vítima de preconceito, atribuindo uma ineficiência aos judeus em transmitir suas emoções em outro idioma que não fosse seu dialeto, o ídiche. Ainda, a busca por um espaço no mercado e na música pelos judeus era outro motivo de preocupação para Wagner (BRANDÃO; SERGL, 2018).

Seria impreciso, contudo, afirmar que Wagner deu início ao ódio aos judeus. Na verdade, segundo o especialista em teatro e literatura Jeans Malte Fisher, “ele transportou o antissemitismo da época para o campo da cultura e, sobretudo, para o campo da música” (TODESKINO, 2013), ou seja, tais ideias já estavam presentes na sociedade mesmo antes de seus discursos, no entanto, seu papel foi torná-las aceitáveis. Ainda, como um homem de seu tempo, além dele, seus pensamentos refletiam a mentalidade de muitos outros artistas do século XIX e, por esse motivo, não foram reprimidos.

¹ Meyerbeer foi o responsável por apresentar Rienzi, um dos dramas wagnerianos, ao rei da Saxônia, o que tornou Wagner um grande sucesso e permitiu sua estadia na cidade até o ano que ele teve de partir para seu exílio na Suíça.

No entanto, apesar de ser antissemita, para alguns críticos, suas obras não foram totalmente influenciadas por seu pensamento. Na verdade, apenas alguns de seus personagens demonstram traços de seu antissemitismo. Isso pode ser observado por meio da figura caricata de Beckmesser em *Die Meistersinger von Nürnberg* (Os mestres cantores de Nuremberg) e o anão Mime de *Der Ring des Nibelungen* (O Anel dos Nibelungos), caracterizado por certa mesquinhez e ganância.

Wagner ainda atribuiu ao povo judeu a culpa pelo colapso da música após a morte de Beethoven, pois acreditava que eles estavam alheios a essa cultura (BRANDÃO; SERGL, 2018). Apesar disso, havia uma certa ambiguidade em seu comportamento, visto que ele próprio fez amizade e se aproximou de alguns artistas judeus, dentre eles, o escritor Heinrich Porges, o pianista Carl Tausig e o maestro Hermann Levi.

Entretanto, talvez a maior declaração de seu antissemitismo seja seu manifesto de 1850 chamado *Das Judentum in der Musik* (O Judaísmo na Música), escrito sob o pseudônimo de Karl Freigedank, insultando músicos de ascendência judia como Mendelssohn e Meyerbeer, além de criticar fortemente a presença de judeus na música. Seus ataques se voltavam ao estilo deles, que considerava ser uma arte “degenerada”, além de afirmar que os judeus não possuíam aparência física à altura de se apresentarem aos palcos, nem talento para tal, visto que, segundo ele, eles teriam dificuldade em expressar seus sentimentos em uma língua que não lhes pertencia, restando-lhes apenas a repetição e cópia do trabalho dos outros (BRANDÃO; SERGL, 2018). Infelizmente, muitas de suas afirmações foram posteriormente adotadas pelos nazistas para reafirmar seu discurso antissemita mas de maneira distorcida.

Quando, por exemplo, Wagner diz que se fosse possível aos judeus tornarem-se homens como eles, no caso os alemães, teriam de “renascer por meio do autoextermínio implacável”, tal extermínio, na acepção wagneriana, era espiritual – a negação da fé judaica pela conversão ao cristianismo –, não um aniquilamento físico, conforme o idealizado por Hitler em *Mein Kampf* e levado a cabo com a Solução Final. (BRANDÃO; SERGL, 2018, p. 246)

Além disso, no ciclo de óperas conhecido como *Ring des Nibelungen*, Wagner se inspirou na mitologia germânica a fim de criar uma identidade coletiva e uma ideologia nacionalista que enxergava o alemão como superior. Já em *Lohengrin*, Wagner foi muito elogiado por grandes críticos, que logo voltaram atrás após a publicação de seu manifesto.

Mas a grande controvérsia se instaura a partir do nazismo, quando Hitler se tornou um dos principais adoradores de Wagner. Sua inclinação musical voltada aos seus trabalhos pode ser primeiramente analisada nos relatos que Hitler fez em trechos de seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta), no qual ele descreve o deslumbre que a música e as ideias trabalhadas por Wagner provocaram nele desde a primeira vez que viu um de seus dramas. Desde então, sua admiração pelo músico apenas cresceu, e fez parte de toda sua trajetória e da inspiração assumida pela propaganda nazista.

Hitler inclusive possuía contato com a família de Wagner e tornou-se próximo de seus descendentes, chegando a financiar e frequentar o Festival de Bayreuth, o qual não permitiu a presença de judeus em seus bastidores até o final da guerra. Desse modo, Wagner se tornou a “representação artística-filosófica da construção mítica do ariano” (BRANDÃO; SERGL, 2018, p. 256). Contudo, embora o nazismo pretendesse difundir entre a população seus ideais de povo e nação, encontrando em Wagner o nacionalismo e antissemitismo que necessitava, referir-se ao músico como nazista ou precursor do nazismo é cometer um grande anacronismo ao retirá-lo de seu contexto e torná-lo responsável pela desgraça gerada por uma ideologia que teve sua ascensão por volta de 50 anos após a morte deste compositor.

A cultura nazista, por sua vez, se consolidou em meio às diversas sanções impostas pelo Tratado de Versalhes, após a Primeira Guerra Mundial, que levou a Alemanha a uma grave crise econômica e social. Tais fatores corroboraram para tornar o país um terreno fértil para a ascensão de partidos políticos nacionalistas que almejavam fazer uso de qualquer recurso necessário para manipular as massas, criar um sentimento de soberania e um ideal de pátria, a fim de recuperar o orgulho alemão. Nesse contexto, a arte aliada à propaganda atuou como um dos principais meios de convencimento do povo sobre as ideologias do Partido Nacional Socialista alemão, apropriando-se de diversas obras para fins políticos, que, ao longo da Segunda Guerra Mundial, contribuíram para reafirmar discursos calorosos em defesa de uma das maiores atrocidades da humanidade: o holocausto.

Além disso, Hitler se considerava, antes de mais nada, um artista. Apesar de não ter tido sucesso na carreira de pintor, também cultivava interesse pela arquitetura, embora nunca tivesse alcançado seu objetivo de entrar para a Academia de Belas Artes de Viena. Por outro lado, lançou seu olhar de artista para

o campo político, o que explica o caráter estético da ideologia nazista. Nesse aspecto, Hitler admirava particularmente a Antiguidade Clássica e seus valores de beleza, força e superioridade cultural, que pôde observar na obra de Wagner, como em *Rienzi*, cuja história fala sobre um personagem que se torna o porta-voz do povo na luta contra a aristocracia e no reestabelecimento da República da Antiguidade. Tal antítese entre a lei pessoal e a ordem da sociedade se fazia frequente nos dramas wagnerianos e a ideia de um indivíduo superior e amado pela população, porém incompreendido por seus opositores, fez grande sentido para o ego inflado de Hitler.

3 CONFLITO DE VISÕES

Em 1936, Bronislav Hubermann fundou a Orquestra Filarmônica de Israel com o objetivo de instaurar um espaço judeu voltado à música, especialmente para abrigar músicos expulsos da Europa Central e Oriental durante aquela época. Nos seus primeiros anos, compositores como Richard Wagner fizeram parte da programação, apesar do conhecido fato de que ele defendeu ideias antissemitas durante sua vida. Contudo, dois anos após sua inauguração, com o avanço das perseguições políticas e econômicas que levaram ao Holocausto, a imagem de Wagner passou a ser associada às ideologias que se fundamentavam na aniquilação dos judeus e, a partir disso, suas obras foram proibidas de serem executadas pela Orquestra Filarmônica de Israel ou no próprio país.

Além de Wagner, outros compositores também foram proibidos sob a mesma justificativa, sendo vítimas de fortes ataques quando apresentadas em Israel. Os protestos repreendiam nomes como Richard Strauss, que havia trabalhado na administração cultural de Hitler e a obra “Paixões” de J. S. Bach, que se acreditava estar baseada em trechos antijudaicos dos evangelhos de Mateus e João. Isso contribuiu para que um grande alvoroço se formasse, inclusive nos dias atuais, especialmente quando obras de artistas como Wagner são apresentadas. Por essa razão, muitos músicos vêm sendo criticados ao tocar tais composições, como foi o caso do maestro e atual diretor artístico da Orquestra Filarmônica de Israel, Zubin Mehta, que foi vaiado pelo público, nos anos 80, após ter regido uma ópera wagneriana.

Outro caso marcante ocorreu em 2001, quando o grande pianista e maestro Daniel Barenboim executou trechos de *Tristan und Isolde* em Israel, e

sobretudo com uma orquestra alemã, a *Staatskapelle Berlin*. Ele foi fortemente atacado, e em resposta, ele disse que “se quiserem proibir Wagner em Israel, proíbam também a venda de Mercedes, que era o carro predileto de Hitler” (MARTINS, 2020). É interessante pontuar que Barenboim também é judeu, e em entrevista para a revista *Veja* em 2005, ele disse que “a música de Wagner foi desvirtuada pelos nazistas” (MARTINS, 2020).

Desse modo, percebe-se que Wagner continua sendo um grande tabu em Israel e prova disso foi o episódio ocorrido em 2018, no qual uma emissora de rádio de música clássica transmitiu um pedaço de sua ópera *Götterdämmerung*, o que gerou amplo descontentamento. A transmissão foi interrompida e a rádio se retratou afirmando ter cometido um “erro”. No entanto, para alguns, o episódio sequer gerou incômodo, como afirmou o presidente da Sociedade Wagner de Israel, que acredita que a ópera não trata das opiniões do compositor e sim de música, que possui suas qualidades e a qual ninguém é obrigado a ouvir (RÁDIO, 2018).

Assim, torna-se necessário refletir sobre algumas das possibilidades de análise no que se refere ao trabalho de Wagner. Por um lado, os apoiadores de sua música afirmam que não se deve fazer apontamentos precipitados a respeito de uma obra sem levar em conta suas considerações musicais e/ou estéticas. Esse é um ponto muito importante à medida em que se busca alcançar uma mentalidade livre e aberta, caso contrário, há o risco de se cometer o mesmo boicote à arte praticado pelos nazistas por meio da queima de livros com base apenas na ascendência e/ou crença de seus autores. Outro ponto é a defesa de que as obras desse compositor são de uma qualidade artística inegável, que contribuem para o aperfeiçoamento da técnica musical ao praticá-las e que são de extrema importância para compreender as tendências musicais que as seguiram.

Por outro lado, seus opositores atribuem uma relevância maior ao contexto em que a obra está inserida, de modo que, para eles, o trabalho de um artista não pode ser separado de sua personalidade. Por conseguinte, em se tratando de Wagner, sua visão e manifestações antissemitas revelam a defesa de ideologias ligadas às teorias raciais do nacional-socialismo e, por essa razão, muitos repudiam seu trabalho em memória daqueles que foram vítimas dos campos de concentração e do nazismo. Ainda, há uma forte questão referente ao simbolismo institucional, na qual o peso simbólico de uma pessoa ou uma

ideia pode ter um significado maior que seu significado objetivo, isto é, uma vez que a Orquestra Filarmônica de Israel representa um povo e uma cultura, esta deve executar obras que estejam de acordo com o significado simbólico deste país.

No entanto, é preciso considerar que ao longo do tempo muitos artistas defenderam ideias que hoje são em algum grau condenáveis do ponto de vista ético ou moral, porém, reprimir suas obras ou excluí-los da história é uma decisão tão radical quanto incoerente, uma vez que pouco restaria da arte. Além disso, outro questionamento que aquece a discussão sobre o controverso compositor se refere à ideia de que a associação entre Wagner e os campos de concentração talvez seja geradora de uma maior inquietação nos opositores de Wagner do que propriamente nas reais vítimas dessa tragédia. Quanto a isso, vale ressaltar que há relatos de que houveram outros compositores mais ouvidos pelos nazistas do que o próprio Wagner.

Diante disso, surge o seguinte questionamento: como é possível solucionar esse conflito entre tais visões? Para o filósofo Theodor Adorno, a arte possui um caráter autônomo em relação ao mundo, por isso, mais que um reflexo da realidade, ela é a renovação do mundo empírico (COCCHIERI, 2012). Contudo, essa autonomia é relativa, pois se de um lado a arte está ligada ao mundo, do outro ela depende dele. Assim, sua verdade vem a partir de um contexto histórico e sua interpretação pode variar por diferentes motivos.

Desse modo, embora hoje em dia, as pessoas sejam livres em Israel para comprar discos com as óperas de Wagner e escutá-los em suas casas, a maior resistência se encontra na execução dessas peças em público. Portanto, trata-se de uma situação delicada, envolvendo muitas questões que não devem se limitar a discussões restritas a seminários acadêmicos, mas buscar alcançar até o público mais leigo. Isso se torna fundamental a fim de dar a liberdade à manifestação da arte bem como evitar que ela seja a fonte de dor ou sofrimento de uma pessoa, um grupo ou um povo.

4 AS SOMBRAS DO ANTISSEMITISMO

Na atualidade, a reverência ao antissemitismo do século XIX ainda persiste na forma do desvirtuamento das obras de Wagner. Nesse aspecto, em janeiro de 2020, a população brasileira foi surpreendida pelo lastimável discurso do

então secretário de Cultura, Roberto Alvim, que se utilizou de textos e recursos estéticos associados ao nazismo, acompanhados de uma música de Wagner ao fundo. Sua atitude foi condenada por todo o país e criticada por adeptos desde a esquerda até a direita, ocasionando em sua imediata exoneração, a pedido de figuras como o então Presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), o Presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), que inclusive é judeu, e da Confederação Israelita do Brasil (CONIB).

No vídeo publicado e circulado nas redes sociais, Alvim parafraseou trechos de um discurso proferido por Joseph Goebbels, ministro da Propaganda durante o Terceiro Reich, no qual exalta a cultura nacional e o patriotismo (DISCURSO, 2020). A grande questão a ser levantada é o fato do discurso ter sido pronunciado ao som da abertura da ópera *Lohengrin* de Wagner e como isso pode contribuir para que as pessoas continuem a retirar as obras de Wagner de seu contexto, dando continuidade a um anacronismo na atualidade.

O ex-ministro não explicou a razão do uso de uma ópera de Wagner nem dos recursos estéticos com ligação ao nazismo, contudo, isso não faz de suas atitudes menos imprudentes e anacrônicas, o que não agradou em nada o embaixador de Israel, Yossi Shelly, e a embaixada da Alemanha. Tal insatisfação é alimentada sobretudo pelo fato das obras wagnerianas terem sido executadas durante o nazismo enquanto os judeus eram encaminhados para as câmaras de gás, o que gera uma atmosfera sombria até os dias atuais em muitas salas de concerto e em países como Israel.

Ainda, a música desvirtuada por atores políticos ou de outros gêneros não é novidade. Quando isso acontece, se torna evidente qualquer imprecisão de seu real contexto. Assim, embora não seja possível afirmar quais os objetivos de Alvim ao usar a ópera de Wagner como trilha de fundo, sabe-se que ao ouvi-la, trouxe como primeira impressão e impacto negativo, a sua associação ao genocídio praticado pelos nazistas e, por isso, a combinação com outros recursos referenciando a esse movimento, fez da escolha desta ópera uma afronta à susceptibilidade de muitos.

Além disso, o antissemitismo tem sido observado em diversas partes do mundo, apresentando um aumento significativo em países europeus como Alemanha e França, que possuem as maiores populações judaicas do continente. Sobre isso, segundo uma pesquisa de 2018 da Agência de Direitos Fundamentais da União Europeia, casos de discursos de ódio e abusos contra judeus têm

se tornado frequentes, de modo que 90% dos judeus revelam ter percebido um aumento do antissemitismo em seus países, sendo que 30% afirmam terem sido, inclusive, vítimas de ofensas (ANTISSEMITISMO, 2019). Contudo, uma análise feita pelo Instituto de Estratégias Sionistas da Organização Sionista Mundial concluiu que o antissemitismo, principalmente na Europa Ocidental, não está necessariamente atrelado à ascensão da extrema-direita na região, mas pode estar relacionada também ao aumento do sentimento anti-Israel ou pelo Islã radical (A ASCENSÃO, 2020).

De todo modo, é necessário esclarecer os perigos do antissemitismo a fim de evitar que os avanços dessa ideologia tenham prosseguimento. Nesse sentido, a obra “As Origens do Totalitarismo”, da filósofa Hannah Arendt elucida bem os riscos desse sistema político-social, partindo da tese de que o antissemitismo é um dos principais elementos que constituem a dominação totalitária. Segundo ela, tal ideologia remonta à complexa relação entre judeus e gentios que prevaleceu durante o início da dispersão judaica. Contudo, apenas com o surgimento dos primeiros partidos antissemitas entre 1870 e 1880, que se estabeleceu o princípio de uma corrente de pensadores genocida.

Além disso, para a filósofa, a relação entre nazismo e antissemitismo não é fruto de mero acaso. Apesar de muitos atribuírem o antissemitismo como reflexo do nacionalismo e da xenofobia, seu ápice coincide com o colapso do sistema europeu de Estados-nações. Ademais, Arendt afirma que as causas de ressentimento, como o observado entre os antissemitas, não precisam necessariamente estar vinculadas à opressão ou à exploração. Muitas vezes, isso ocorre, pois, a própria riqueza sem função concreta é ainda mais intolerável e foi diante dessa realidade que o antissemitismo atingiu seu clímax, ou seja, no momento em que os judeus perderam seu poder, exceto sua riqueza.

Não obstante, para justificar o antissemitismo muitos assumem que os judeus pertencem a um grupo que está envolvido em diversos conflitos insolúveis e, por isso, são os “autores ocultos do mal” (ARENDRT, 2013, p. 22), o que torna indiferente a qual conflito eles são responsáveis, pois sempre terão alguma culpa. Ou ainda, adota-se a doutrina do “eterno antissemitismo” que naturaliza a aversão aos judeus mediante os 2 mil anos de massacre desse povo, considerando isso uma decorrência normal de um problema sem fim.

Diante do extermínio em massa dos judeus na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, a permanência da tese avassaladora do discurso antissemita

nos dias atuais, que se manifesta muitas vezes de forma mascarada, torna-se ainda mais preocupante à medida que continua a ganhar novos adeptos pelo mundo, apesar da massiva repressão na sociedade quanto a tais tipos de discurso. Nesse aspecto, o discurso e a política antissemita somado ao terror tomado por uma figura ou governo em defesa dessa linha de pensamento torna-se inaceitável, tendo em vista ter sido agente catalisador do nazismo, de uma guerra mundial e de um genocídio em massa (ARENDRT, 2013, p. 7). Desse modo, é necessário que a história e fatos resultantes do antissemitismo e da questão judaica se tornem compreensíveis e lúcidos a toda população. A esse respeito, Arendt (2013) declara:

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja. (p. 7)

5 CONCLUSÃO

Richard Wagner foi um notável e singular compositor. Suas obras foram vastas, profundas e percorreram diversas temáticas. Ainda que ele tenha sido influenciado pelo pensamento antissemita da época, é importante ressaltar que o nacionalismo alemão e o antissemitismo presentes no século XX não tiveram apenas nele sua única inspiração. Contudo, diante de seus discursos e posicionamentos, foi um dos principais a sofrer boicotes no mundo das artes, como no caso da Orquestra Filarmônica de Israel, principalmente após a Noite dos Cristais em 1938, que levou à suspensão de quaisquer espetáculos compostos por peças deste artista no país.

Isso explica a relevância que a voz dos sobreviventes do Holocausto passou a receber, pois para os opositores de Wagner, a apresentação de suas obras seriam um insulto a memória dos que morreram ao som de tais músicas. Além disso, nos anos 50, tem início o debate a respeito dos reparos que a Alemanha precisava pagar aos sobreviventes do Holocausto e a países como Israel e, desse modo, estimulou-se uma educação voltada a refletir sobre os crimes cometidos contra os judeus e a preservar a memória coletiva desse povo. Nesse aspecto, a obra de Wagner seguiu sendo rejeitada e a própria imprensa da época se encarregou de acusá-lo de colaborar com os nazistas em razão de seu discurso antissemita.

Em contrapartida, há aqueles que defendam a música como um recurso de enriquecimento da alma e deleite, reconhecendo a ideia de que a personalidade de um artista não se sobrepõe à sua obra e, portanto, valorizam a importância do trabalho de Wagner. Nesse sentido, observa-se que a censura de compositores como Wagner, ocorrida diversas vezes, deve-se sobretudo a um viés político que desconsidera o valor estético e artístico da obra. Portanto, proibir a apresentação de suas obras nas salas de concerto carece de sentido, uma vez que, dentre outras coisas, representa um grande ataque à liberdade de expressão.

Por conseguinte, para os defensores de Wagner, é importante compreender que a mistura entre a vida e visões pessoais do autor com a sua noção de arte pode levar a um vício que, em alguns casos, contribui para criar uma noção equivocada de uma obra antes de apreciá-la ou até mesmo gerar um desprestígio da obra em detrimento de seu real significado ou objetivo. Por isso, é importante uma análise profunda das características da mesma, identificar seu contexto e interpretar seus conceitos para que não haja qualquer remorso ou alvoroço ao desfrutar delas. Além disso, para eles, seria desonesto desprezar a grandiosidade e beleza da obra wagneriana e apagar sua contribuição para a história da música.

Nesse sentido, a principal questão que gera controvérsias em torno de Wagner, nos dias de hoje, trata de saber até que ponto é certo admirar suas obras e se é possível fazer isso desconsiderando seu antissemitismo. Para os mais fervorosos isso é uma tarefa difícil, pois apesar de nenhuma ópera de Wagner ser propriamente antissemita, há reflexos desse pensamento em alguns de seus personagens além de seu uso remeter a um período muito trágico da história. Por outro lado, em geral, a maioria das peças do compositor não é mais vista como antissemita pelo público, pelo contrário, no momento presente, elas são tratadas apenas como obras de um grande compositor. Desse modo, no que se refere ao impacto que as obras de Wagner podem exercer na vida de seus ouvintes, existem muitos fatores que só podem ser analisados subjetivamente, o que torna discussões e reflexões sempre necessárias.

Quanto ao Brasil, em razão de sua população judaica não ser tão significativa no país quanto em Israel, executar as obras de Wagner acaba não exercendo um impacto tão grande. Contudo, sabe-se que combiná-la a fatores associados ao nazismo, como o ex-ministro da Cultura o fez, foi capaz de pro-

vocar uma insatisfação popular muito grande. Por isso, torna-se fundamental compreender as consequências dessa ideologia a fim de evitar que ela ganhe espaço ou permita o avanço de ideias totalitárias e discursos de ódio. Somente assim, será possível adotar um olhar crítico a respeito da história, evitar o uso anacrônico da arte e garantir que a ignorância e o obscurantismo, uma vez praticado no passado, não voltem a se repetir no presente.

REFERÊNCIAS

ANTISSEMITISMO cresce na Europa. **Deutsche Welle**. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/antisemitismo-cresce-na-europa/a-47532553>. Acesso em: 17 Jan. 2021.

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Companhia das Letras, 2013. Ebook.

A ASCENSÃO da extrema-direita não é a principal fonte de antissemitismo na Europa, aponta estudo. **CONIB**. 2020. Disponível em: <https://www.conib.org.br/a-ascensao-da-extrema-direita-nao-e-a-principal-fonte-de-antisemitismo-na-europa-aponta-estudo/>. Acesso em: 17 Jan. 2021.

BRANDÃO, J; SERGL, M. J. **Richard Wagner e Adolf Hitler**: Política, Música e Antissemitismo. Revista Lumen et Virtus, v. IX, n. 22, p. 235-260, ago. 2018.

BRAUN, S.; VALENTE, A. Como Hitler pôs a ópera a serviço do nazismo. **Deutsche Welle**. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-hitler-p%C3%B4s-a-%C3%B3pera-a-servi%C3%A7o-do-nazismo/a-44244190>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

BRUEN, H. Wagner in Israel: A Conflict among Aesthetic, Historical, Psychological, and Social Considerations. **The Journal of Aesthetic Education**, University of Illinois Press, Vol. 27, No. 1, p. 99-103, Spring, 1993.

COCCHIERI, T. A autonomia estética e relevância da arte em meio a um mundo reificado. **Confluências**, Niterói, vol. 13, n.2, p. 145-160, Nov. 2012.

DISCURSO de Alvim com referências ao nazismo gera repúdio maciço nas redes. **Deutsche Welle**. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/discurso-de-alvim-com-refer%C3%Aancias-ao-nazismo-gera-rep%C3%ADdio-macico-nas-redes/a-52047210>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

FERRARI, C. C. B. Richard Wagner e apropriações pela propaganda nazista. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM**, IV. 2013, Londrina-PR. p. 490-499.

FLORES, M. **A Música como Instrumento Político na Primeira e na Segunda Guerra Mundial**. 2016. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso - Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2016.

HUMMES, J. M. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004.

MARTINS, S. Música de Wagner usada no vídeo de Alvim era a favorita de Hitler. **Veja**. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/musica-de-wagner-usada-no-video-de-alvim-era-a-favorita-de-hitler/>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

MESQUITA, M. Uma encruzilhada estético-musical: música do futuro de Richard Wagner. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.3, n.1, 2015.

MILGRAM, A. Reflexões sobre o sionismo e Israel. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**. v. 1, n. 1, p. 8-14, jan-jun. 2009.

MIRANDA, F. et al. Hitler e Nazismo: Sobre Arte, Estética, Comunicação e Ideologia. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, XIII, 2014, Belém.

RÁDIO de Israel se desculpa por tocar Wagner. **Deutsche Welle**. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/r%C3%A1dio-de-israel-se-desculpa-por-tocar-wagner/a-45328496>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

SHEFFI, N. Between Collective Memory and Manipulation: The Holocaust, Wagner and the Israelis, **Journal of Israeli History**, 23:1, p. 65-77, 2004.

SHEFFI, N. Cultural Manipulation: Richard Wagner and Richard Strauss in Israel in the 1950s. **Journal of Contemporary History**, Vol. 34, No. 4, p. 619-639, Oct. 1999.

TODESKINO, M. Richard Wagner: o gênio musical e a sombra do antissemitismo. **Deutsche Welle**. 2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/richard-wagner-o-g%C3%AAnio-musical-e-a-sombra-do-antissemitismo/a-16821764>. Acesso em: 12 de julho de 2020.